



Arte|logie

Recherche sur les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique latine

10 | 2017

Après le paysage : l'art, l'inscription et la représentation de la nature en Amérique latine aujourd'hui

Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins, de Débora Danowski e Eduardo Viveiros DE Castro

Fábio Zuker



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/artelogie/876>

DOI: 10.4000/artelogie.876

ISSN: 2115-6395

Editora

Association ESCAL

Referência eletrónica

Fábio Zuker, « *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, de Débora Danowski e Eduardo Viveiros DE Castro », *Arte|logie* [Online], 10 | 2017, posto online no dia 05 abril 2017, consultado o 23 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/artelogie/876> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/artelogie.876>

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 setembro 2020.

Association ESCAL

Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins, de Débora Danowski e Eduardo Viveiros DE Castro

Fábio Zuker

REFERÊNCIA

Débora DANOWSKI e Eduardo VIVEIROS DE CASTRO, *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, Florianópolis, Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014, 176p.

- 1 A tentativa de produzir um "pensamento e uma mitologia adequados ao nosso tempo" – uma reflexão cosmopolítica em diálogo com o pensamento ameríndio – está na base do ensaio escrito por Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Circulando com rara facilidade entre temáticas próprias ao campo da etnologia, da filosofia política e da filosofia da história, a obra tem como ponto de partida a atual centralidade do medo do fim do mundo, substituindo o lugar antes ocupado pelo messianismo no imaginário moderno.
- 2 Classificada pelos autores como antropocêntrica, a cosmopolítica moderna conceberia o humano como ponto de chegada de uma evolução ao longo da história. A pretensão de domínio da natureza pela ciência, marcada pela narrativa do progresso, teve como resultado o seu oposto: a natureza respondendo de modo violento com um iminente cataclisma climático e a humanidade *reduzida* a uma camada geológica, o antropoceno.
- 3 Por nunca terem tido uma natureza, por não terem tido a necessidade de dela libertarem-se, o que equivale a jamais terem sido modernos, os ameríndios, entre tantos outros povos não-modernos, podem nos ensinar algo sobre viver após o fim do mundo – tendo este terminado há cinco séculos para eles, com a chegada dos europeus. Danowski e Viveiros de Castro classificam o pensamento cosmopolítico ameríndio como marcado pelo antropomorfismo, em que o mundo e a vida tem relações inextrincáveis, é impossível conceber um mundo sem humanos. Como afirma o xamã yanomami Davi

Kopenawa, em tom de alerta, os brancos não acreditam, mas quando o céu cair, cairá sobre todos.

- 4 Considerando insuficiente a crítica ao capitalismo para dar conta da crise planetária, torna-se imperativo abandonar a mitologia do progresso moderno. Agora que o fim do mundo tornou-se uma realidade, experiências como a do movimento político Maya contra o Estado-mercado, mesmo após o fim do seu mundo, são evocadas pelos autores como outros possíveis imaginários para a política.

AUTORES

FÁBIO ZUKER

Mestre em Ciências Sociais pela EHESS-Paris

fabiozucker[at]gmail.com